Vergonha e retrocesso

» MARIA ISABEL SALES
Especialista em direito legislativo, jornalista e assessora legislativa e racial no Senado Federal



A Câmara dos Deputados aprovou na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) a PEC nº 9, de 2023, a chamada PEC da Anistia, da qual o deputado Paulo Magalhães (PSD-BA) é o primeiro signatário. A proposta garante que não serão aplicadas sanções de qualquer natureza, inclusive de devolução e recolhimento de valores, multa ou suspensão do Fundo Partidário e do Fundo Especial de Financiamento de Campanha aos partidos que não preencheram a cota mínima de recursos ou que não destinaram os valores mínimos em razão de sexo e raça nas eleições de 2022 e anteriores.

Além disso, o projeto permite a arrecadação de recursos de pessoas jurídicas por partido político, em qualquer instância, para quitar dívidas com fornecedores contraídas ou assumidas até agosto de 2015. A proposição vai de encontro às demandas dos movimentos sociais, em especial dos movimentos negros do Brasil e de mulheres, que tanto lutaram e lutam por políticas de igualdade nos espaços de poder, sobretudo na política, que é um dos espaços em que a ausência de pessoas negras, mulheres, pessoas com deficiência, indígenas, LGBTQIA+ e outros grupos é bem gritante.

A ratificação da proposição pelos parlamentares (homens e poucas mulheres) membros da CCJ apenas reforça a realidade de representatividade no Congresso Nacional que, na sua maioria, é composta por homens, brancos, ricos e heteronormativos.

O Observatório Equidade no Legislativo, criado pelo Grupo de Trabalho de Afinidade de Raça, vinculado ao Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça do Senado Federal, informa que, quando se analisa o Poder Legislativo nacional, a exemplo da 56ª legislatura (2019-2023), a Câmara era composta por 436 homens e 77 mulheres.

Eram "27 deputadas a mais do que na legislatura anterior, o que representa um avanço tímido (aumento da representação feminina de 10% para 15%), em que as mulheres representam a maioria da população brasileira, representando 51,5% do total, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ", informa o grupo de trabalho.

Em 2020, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decidiu pela distribuição proporcional dos recursos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (Fefc) e do tempo de propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão para candidaturas negras. A decisão do tribunal ocorreu devido à provocação de entidades dos movimentos negros, como ONG Educafro, que, por meio da consulta pública apresentada pela deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ), senador Paulo Paim (PT-RS) e outros, acionaram o TSE para se manifestar diante do tema. No mesmo ano, o Supremo Tribunal Federal (STF) homologou a decisão.

A anuência da temática pelos tribunais foi uma vitória para o país, e o Congresso Nacional não pode regredir. No último 16 de maio, a deputada Sâmia Bonfim (PSOL- SP) impetrou um mandado de segurança no STF solicitando a suspensão da tramitação da PEC e, como de praxe, o ministro Luís Roberto Barroso solicita que a Câmara se manifeste.

Na mesma data, dirigentes negros de partidos políticos, como PSol, PT, PCdoB, PDT, MDB, PV, PSDB, PSB, Cidadania e PROS apresentaram nota de repúdio à PEC 9, na qual reforçam o compromisso na luta contra a reprodução do racismo no sistema político e em toda sociedade.

O povo brasileiro, já fadigado, não precisa de mais retrocessos, precisa é de avanços em seus direitos individuais e coletivos. Em 2022, celebramos o bicentenário da independência, mas que independência é essa, na qual as maiorias minorizadas ainda são subordinadas pela dominação e impostas à condição de dependência? O povo brasileiro jamais deixará de gritar por seus direitos.

Em tempo, a PEC 9, aprovada pela CCJ, será analisada por uma comissão especial da Câmara, que poderá ou não alterar a proposta original. Depois, a proposição será analisada pelo plenário da Câmara. A aprovação dependerá dos votos favoráveis de 3/5 dos deputados, ou seja, 308, em dois turnos de votação. Caso a proposição seja aprovada, seguirá para o Senado Federal. Que esse retrocesso não aconteça. Axé e muito amor.

Oscar Niemeyer, linhas e luzes

» JOSÉ ROBERTO ARRUDA
Ex-governador do Distrito Federal

Brasília sempre nos surpreende. De passagem pelo ParkShopping com as minhas filhas, fui ver a exposição Oscar Niemeyer: Linhas e Luzes, que fica aberta até 22 de junho. Genial, oportuna e merece ser visitada. A mostra está dividida em três blocos. No primeiro, apresenta a primeira fase de Oscar Niemeyer, ainda jovem, trabalhando com Lucio Costa e Le Corbusier, no prédio do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, que inventou o tal de pilotis, que nada mais é do que um conjunto de colunas que sustentam uma obra e deixam o prédio mais leve, com um pavimento térreo livre para ser usado como área de convivência, passagem e até salão de festas.

O próprio Lucio Costa me contou, certa vez, ter sido escolhido para trabalhar com Le Corbusier naquele projeto pela simples razão de ter morado na França e dominar bem o francês. Modéstia dele. Lucio já era um arquiteto conceituado na época. E tinha como estagiário um aluno da Escola de Belas Artes, Oscar Niemeyer. Lucio e Oscar foram, em 1936, ao Campo dos Afonsos, no Rio, receber Le Corbusier, que chegava de dirigível, o famoso Zepelin. Ficaram amigos. E com o prédio do MEC, hoje Palácio Capanema, iniciaram uma revolução na arquitetura brasileira.

A mostra do ParkShopping traz também o monumental projeto de Oscar para a sede da ONU, em Nova York. O projeto de Oscar foi o vencedor do concurso e ele, generosamente, aceitou sugestões de Le Corbusier e sua parceria.

Outra lembrança importante na exposição é o Conjunto Cultural da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer a convite do então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek. Desse projeto participaram Burle Marx, Cândido Portinari e Athos Bulcão.

No complexo da Pampulha, destaca-se a igrejinha São Francisco, com suas curvas geniais, diferente de qualquer outra igreja no mundo. Traz o maravilhoso painel de azulejos de Cândido Portinari. A Pampulha, hoje tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, tanto na política como na arquitetura, acabou sendo o embrião de Brasília.

No segundo bloco, a exposição nos lembra a genial arquitetura de Oscar para Brasília, reinventando, com suas curvas sensuais, o conceito de cidade. Únicos são os vãos livres do Itamaraty, as colunas do Palácio do Alvorada e a Catedral, graças a outro gênio parceiro de Oscar: o engenheiro, calculista e poeta Joaquim Cardozo.

As colunas do Alvorada passaram a ser a marca da cidade que nascia, moderna, ousada, com apenas um ponto de contato no solo e outro no teto. Um grande desafio para o concreto armado. E tem ainda o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Palácio da Justiça da mais bela arquitetura moderna.

No último bloco, estão as obras de Oscar mundo afora: Paris e Niterói, Itália e São Paulo, em todos os lugares onde o mestre plantou sua genialidade. A exposição ainda tem uma interação interessante. Com fones à disposição, pode-se ouvir a voz de Oscar Niemeyer explicando seus conceitos de vida, respondendo a perguntas e dando explicações sobre cada projeto.

Oscar era um humanista. Preocupava-se com as desigualdades e as injustiças sociais, o que o levaram a ser amigo de Luís Carlos Prestes e participar com Jorge Amado da fundação do Partido Comunista.

Temos o privilégio de viver numa cidade-arte a céu aberto. Por vezes, não nos damos conta da importância, da beleza e da modernidade que está diariamente sensibilizando nossos olhos e nosso coração. Brasília reinventou o conceito de cidade, trocou ruas por eixos, quarteirões por superquadras, esquinas por tesourinhas e fez a arquitetura e o urbanismo brasileiro serem admirados no mundo inteiro.

A exposição nos faz lembrar os Anos Dourados do Brasil. A melhor fase da nossa história, quando os gênios de todas as áreas se encontraram, liderados pelo otimismo de JK. Tempos de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, Burle Marx, Bruno Giorgio, Ceschiatti, Portinari, Marianne Peretti e Athos Bulcão. De Vinicius de Moraes e Tom Jobim, que, hospedados no Catetinho, fizeram a genial "Sinfonia da Alvorada": "No princípio era o ermo, uma imensa solidão sem mágoa..."

Tempo de Pelé e Garrincha, de Éder Jofre e Maria Ester Bueno, de Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha. Tempo, segundo Cacá Diegues, que a gente tinha que correr atrás do Brasil para não ficar pra trás. Como bem definiu Nelson Rodrigues, tempo que o país perdeu o conceito de vira-lata e passou a acreditar no seu enorme potencial natural e humano.

Só faltou, na exposição, o último projeto de Oscar inaugurado com o mestre ainda vivo: a Torre de TV Digital, que construímos quando ele já tinha 102 anos bem vividos.

Gostaria muito de ver essa exposição não apenas no ParkShopping, um lugar de certa forma elitizado, mas correndo as cidades satélites e as escolas para que todos os brasilienses pudessem sentir o orgulho de conhecer a história de um Brasil vencedor.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Santos do pau oco

Uma das consequências da chamada herança cultural política é que, em países em que esse nefasto fenômeno ocorre, não é raro o surgimento de lideranças partidárias que extrapolam o próprio círculo político em que atuaram a passam a representar não mais um indivíduo, mas uma verdadeira entidade. Criam, em torno delas, um movimento de cunho personalista. Esse evento, tão comum em nosso continente, resulta, na grande maioria das vezes, no aparecimento, quase que místico, de personalidades caudilhescas, populistas e demagogas — todas imantadas de uma oportunista áurea de salvadores da pátria. Trata-se aqui de um fato que, na maioria das vezes, tem trazido prejuízos imensos para à democracia e ao Estado democrático de direito, quando se verificam que autocratas passam a se impor e a se colocar acima das leis, principalmente aquelas que possam, de alguma forma, tolher seus anseios.

Para um país com tantos santos ungidos, alguns de pés de barro, outros verdadeiros santinhos do pau oco, não chega a ser surpresa que a população carente e com pouca escolaridade passe a santificar alguns desses mandachuvas políticos, endeusando-lhes como autênticos padroeiros dos despossuídos. Por décadas e até séculos, essa divinização de políticos astutos beneficiou justamente uma casta de personalidades que, com toda certeza, ardem em fogo alto no inferno.

Primeiramente, foi a imprensa escrita — no tempo em que havia impressa escrita e livre —, que esses falsários foram sendo desconstruídos um a um. Depois, vieram o rádio e a televisão, que passaram, a seu modo, a mostrar o que havia por trás das cortinas dos palácios. Hoje, com o advento das mídias sociais, foi erguido o que parece ser um vasto movimento do tipo iconoclasta, que arremete contra o chão essas falsas imagens santas, estilhaçando-as uma a uma. Finalmente, o altar, onde repousavam os santos políticos e ocos, foi varrido pelos ventos uma modernidade que não tolera nem aceita coisas como a apostasia ou a idolatria, dentro do que pregava Jeremias 17:5 "Maldito homem que confia no homem".

De fato, as mídias sociais lançaram por terra uma legião de falsos profetas, embora alguns ainda insistam em permanecer instalados num altar onde não há lugar para embusteiros. Hoje, em pleno século 21, há aqueles os que teimam em acender velas para Lulismo ou para o Bolsonarismo, acreditando que esses personagens têm o condão de salvar o país das trevas. Nada mais falso, inútil e tardio. Mas, antes de tudo é preciso destacar aqui as diferenças existentes entre esses dois santinhos, que, de uma maneira ou de outra serviram para elevá-los ao altar de divindades populistas.

Lula, a alma autodeclarada mais honesta do país, que se comparou ao próprio Cristo, fez o que pôde para ser entronizado no altar dos santos caudilhos. Bolsonaro não se empenhou para tanto e foi elevado à essa condição pela inércia da herança cultural e política que insiste em permanecer entre nós. Um foi desmascarado pelos escândalos de corrupção, exaustivamente mostrados pelas mídias sociais. Outro foi exposto e perseguido sem trégua por uma mídia parcial, por se apresentar tal como era foi levado também ao altar dos caudilhos, mesmo contra a vontade.

Um foi elevado pelo sistema. Outro foi degredado pelo mesmo sistema. Nenhum dos dois são santos ou salvarão a pátria. Ambos serão lembrados pela história. Cada um por suas ações, e não por seus milagres.

» A frase que foi pronunciada

"O poder é uma coisa terrível. O poder é inebriante. O poder é enganoso."

João Pinheiro Neto, em documentário sobre Jango, na TV Senado

Legislação

» Um passo importante será uma legislação que preveja obrigações de empresas que causem desastres ambientais. O Rio Doce, um rio que morreu no Brasil e pouco foi feito, é bom lembrar. Mas o projeto ainda não aponta com decisão a quem cabe o pagamento de indenizações. Se for um derramamento de óleo no mar, a punição também não está bem definida.

Contribuinte

» Ação importante criada há anos pelo GDF é o corredor BRT. Facilitou a vida de milhares de cidadãos que fazem uso do transporte coletivo. O criador do sistema BRT foi o urbanista Jaime Lerner, que em 1970 implementou a experiência dos corredores exclusivos em Curitiba.

Lástima

» Mas logo a Universidade de Brasília que sempre apoiou o Partido dos Trabalhadores teve que reagir à decisão do ministro Gilmar Mendes que cortou 26,05% de benefícios já adquiridos por direito nos salários do corpo técnico profissional da universidade.

» História de Brasília

Ao mesmo tempo, algumas informações aqui contidas são também para o presidente da República, como o falso emprêgo de 400 candangos para reinício das obras. (**Publicada em 21/3/1962***)*